

caderno de leituras n.99

série *intempestiva*

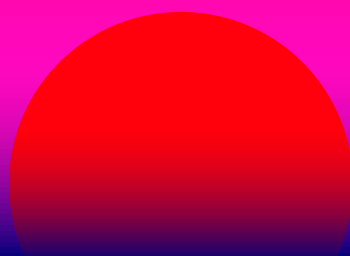
**para a América  
viver, é preciso  
que a Europa  
morra**

**russell means**

Tradução  
**Luciana Campos**

Revisão da tradução  
**Guilherme Gontijo Flores**

Revisão  
**Bernardo Bethonico**



**nota da  
editora**

Este discurso foi proferido por Russell Means em julho de 1980, no Encontro Internacional de Sobrevivência de Black Hills, em Black Hills, no estado de Dakota do Sul, nos Estados Unidos. Agradecemos ao Guilherme Gontijo Flores por ter nos apresentado este texto noutra número desta coleção, o caderno 90, escrito por ele. A Luciana Campos dedicou-se à tradução, o Guilherme à revisão, e queremos agradecer aos dois, desejando vivamente que continuemos a trabalhar juntos. O original que nos serve de referência está disponível aqui: <https://tinyurl.com/rmeans>.

**nota da  
tradutora**

Russell Means (1939-2012) foi um índio da tribo Oglala Sioux (uma das sete tribos do povo Lakota), conhecido pelo seu ativismo na luta dos direitos dos índios americanos, tendo participado de questões nacionais e internacionais que se referiam a seu povo, com grupos na América Central, do Sul e com as Nações Unidas em prol dos direitos dos índios.

1. Uma das sete tribos do povo Lakota, sendo que a maioria vive na região de reserva indígena de Ridge Pine, no estado da Dakota do Sul. [Nota da tradutora].

2. Um dos povos indígenas da América do Norte que vivem em uma reserva no Nordeste do estado do Arizona e em partes do Novo México e de Utah. [Nota da tradutora].

3. Um dos povos ameríndios da América do Norte que vivem na Flórida. São originários do vale do Rio Tennessee, onde formavam uma única nação junto com os Chiaha do Norte. Atualmente, a tribo vive na região do Sul da Flórida. [Nota da tradutora].

A única declaração possível para iniciar um depoimento como este é que detesto escrever. O processo em si resume o conceito europeu de pensamento “legítimo”; o que está escrito tem uma importância que é negada ao falado. Minha cultura, Lakota, tem uma tradição oral; então, costumeiramente, rejeito a escrita. Este é um dos modos de o homem branco destruir as culturas de povos não-europeus: impor uma abstração sobre as relações que são estabelecidas na fala.

Então, o que vocês estão lendo aqui não é o que eu escrevi. É o que eu disse e alguém registrou. Vou permitir isso, porque parece que a única maneira de se comunicar com o mundo do homem branco é por meio das mortas, secas páginas de um livro. Realmente não me importo se minhas palavras vão alcançar ou não os homens brancos. Eles já demonstraram através de sua história que são incapazes de ouvir e de enxergar; só conseguem ler (claro, há exceções, mas as exceções só confirmam a regra). Estou mais preocupado com os indígenas americanos, estudantes e outros, que começaram a ser absorvidos pelo mundo dos brancos através das universidades e outras instituições. Mas, mesmo assim, é um tipo de preocupação marginal. É muito possível que um pele-vermelha cresça com uma mentalidade branca; e se essa é a escolha individual de uma pessoa, que assim seja, mas não terei utilidade para eles. Esta é a parte do processo de genocídio cultural travado pelos europeus contra os povos indígenas americanos de hoje. Minha preocupação está naqueles que escolheram resistir a esse genocídio, mas que podem estar confusos sobre como proceder.

(Perceba que eu uso o termo índio americano ao invés de nativo americano, ou populações nativas indígenas, ou ameríndias quando me refiro a meu povo. Existe alguma controvérsia sobre tais termos e, francamente, esse ponto me parece absurdo. O termo índio americano tem sido rejeitado justamente por ter origem europeia – o que é verdade. Mas todos os termos acima são de origem europeia; a única forma não-europeia de nos referirmos aos Lakota – ou, mais precisamente, aos Oglala,<sup>1</sup> aos Brule, etc. – aos Diné,<sup>2</sup> aos Micosuques,<sup>3</sup> é pelos seus próprios nomes.

Existe também alguma confusão a respeito da palavra índio, uma crença equivocada que se refere de alguma forma ao país Índia. Quando Cristóvão Colombo desembarcou nas praias do Caribe, não estava procurando por um país chamado Índia. Os europeus chamavam esse país de Índustão em 1492. Basta procurar nos mapas antigos. Colombo chamou de “índio” aos povos das tribos que encontrou, referindo-se à expressão italiana *in dio*, cujo significado é “em Deus”.)

É necessário um esforço muito grande de cada índio americano para não se tornar europeizado. A nobreza desse esforço só pode vir dos modos tradicionais, dos valores tradicionais que nossos antepassados preservam. Ela deve vir do aro, das quatro direções, das relações: não pode vir de um ou de mil livros. Nenhum europeu pode ensinar um Lakota a ser Lakota, um Hopi a ser Hopi. Um mestrado em “Estudos Indígenas” ou em “Educação” ou em qualquer outra coisa não transforma uma pessoa em um ser humano ou fornece conhecimento nas formas tradicionais de um povo. Isso só pode fazer de você um europeu mental, um marginal.

Preciso ser claro sobre algo aqui, porque parece haver alguma confusão sobre isso. Quando falo de europeus ou de europeus mentais, não estou legitimando distinções equivocadas. Não estou dizendo que há, por um lado, os subprodutos de alguns milhares de anos de desenvolvimento intelectual europeu, genocida e reacionário, que é ruim; e, por outro, algum novo desenvolvimento intelectual revolucionário, que é bom. Estou me referindo aqui às chamadas teorias marxistas, anarquistas e esquerdistas em geral. Não acredito que essas teorias possam ser separadas do restante da tradição intelectual europeia. É exatamente a mesma ladainha de sempre.

O processo começou muito antes. Newton, por exemplo, “revolucionou” a física e as chamadas ciências naturais, reduzindo o universo físico a uma equação matemática linear. Descartes fez o mesmo com a cultura. John Locke o fez com a política e Adam Smith com a economia. Cada um desses “pensadores” pegou uma fatia do sagrado da existência humana e o converteu em código, em uma abstração. Partiram justamente de onde o cristianismo parou: “secularizaram” a religião cristã, como os “eruditos” gostam de dizer – e, ao fazê-lo, tornaram a Europa mais capaz e pronta para agir como uma cultura expansionista. Cada uma dessas revoluções intelectuais serviu para abstrair ainda mais a mentalidade europeia, remover a maravilhosa complexidade e santidade do universo e substituí-la por uma sequência lógica: um, dois, três. Responda!

Isto é o que veio a ser denominado “eficiência” na mente europeia. O que quer que seja mecânico é perfeito; o que parece funcionar no momento – isto é, prova que o modelo mecânico é o correto – é considerado correto, mesmo quando é claramente falso. É por isso que a “verdade” muda tão rapidamente na mente europeia; as respostas que resultam de tal processo são apenas paliativos, apenas temporárias, e devem ser continuamente descartadas em favor de novos paliativos que suportam os modelos mecânicos e os mantêm em funcionamento.

Hegel e Marx são herdeiros do pensamento de Newton, Descartes, Locke e Smith. Hegel concluiu o processo de secularização da teologia – e isto é posto em seus próprios termos –, secularizou o pensamento religioso através do qual a Europa entendia o universo. Então Marx colocou a filosofia de Hegel em termos de “materialismo”, o que equivale a dizer que Marx desespirtualizou completamente a filosofia hegeliana. Novamente, isto está nos termos do próprio Marx. E esta visão é hoje considerada como o futuro potencial revolucionário da Europa. Os europeus podem até ver isso como revolucionário, mas os índios americanos o vêem simplesmente como mais do mesmo velho conflito europeu entre ser e ter. As raízes intelectuais de uma nova forma marxista do imperialismo europeu estão nas ligações de Marx – e seus seguidores – com a tradição de Newton, Hegel e os outros.

Ser é uma proposição espiritual. Ter é um ato material. Tradicionalmente, nós, índios americanos, sempre procuramos ser as melhores pessoas que podíamos. Parte desse processo espiritual era e é abrir mão da riqueza, até mesmo descartá-la a fim de não ter. O ganho material é um indicador de falso status entre os povos tradicionais, enquanto é a “prova de que o sistema funciona” para os europeus. Claramente, há duas visões completamente opostas em questão aqui, e o marxismo está muito distante do olhar do índio americano. Mas vamos olhar para uma implicação importante disso; não é um debate meramente intelectual.

A tradição materialista europeia de desespiritualizar o universo é muito semelhante ao processo mental que desumaniza outra pessoa. Quem são os maiores especialistas em desumanizar outras pessoas? E por quê? Soldados que viram muito em combate aprenderam a fazer isso com o inimigo antes de retornar ao campo de batalha. Assassinos o fazem antes de sair para cometer um assassinato. Os guardas nazistas da SS fizeram-no aos prisioneiros do campo de concentração. Policiais fazem isso. Líderes de corporações fazem isso com os trabalhadores enviados para as minas de urânio e usinas de aço. Os políticos fazem isso a todos à sua volta. E o que o processo tem em comum para cada grupo que faz a desumanização é tornar aceitável matar e destruir outros povos. Um dos mandamentos cristãos diz: “Não matarás”, pelo menos não os humanos, então o truque é converter mentalmente as vítimas em não-humanos. Assim vocês podem proclamar a violação de seu próprio mandamento como uma virtude.

Em termos de uma desespiritualização do universo, o processo mental funciona de forma a tornar virtude destruir o planeta. Termos como progresso e desenvolvimento são usados aqui como palavras vazias, da mesma forma que vitória e liberdade são usadas para justificar o massacre no processo de desumanização. Por exemplo, um especulador imobiliário pode se referir ao “desenvolvimento” de uma parcela de terra abrindo uma pedreira de cascalho; desenvolvimento aqui significa total e permanente destruição, com a própria terra sendo removida. Mas a lógica europeia adquiriu algumas toneladas de cascalho com as quais mais terra pode ser “desenvolvida” através da construção de linhas de estradas. Em última análise, todo o universo está aberto – na visão europeia – a esse tipo de insanidade.

O mais importante aqui talvez seja o fato de os europeus não possuírem nenhum sentimento de perda em relação a tudo isso. Afinal, seus filósofos desespiritualizaram a realidade, de modo que não há satisfação (para eles) em simplesmente observar a maravilha que é uma montanha, um lago ou um ser humano. Não, a satisfação é mensurada em termos de ganho material. Assim, a montanha se torna cascalho, e o lago se torna refrigerador para uma empresa, e as pessoas são formatadas para serem transformadas por meio de fábricas de doutrinação que os europeus gostam de chamar de escolas.

Mas a cada novo passo desse “progresso” aumenta a prioridade no mundo real. Peguemos o combustível para as máquinas industriais como exemplo. Há pouco mais de dois séculos, quase todos usavam madeira – um item renovável e natural – como combustível para as necessidades humanas de cozinhar e manter-se aquecido. Posteriormente veio a Revolução Industrial, e o carvão se tornou o combustível dominante, já que a produção se tornou um imperativo social para a Europa. A poluição começou a se tornar um problema nas cidades, e a terra foi explorada para fornecer carvão, enquanto simplesmente a madeira sempre foi coletada sem grandes custos para o meio ambiente. Mais tarde, o petróleo tornou-se o principal combustível, pois a tecnologia de produção foi aperfeiçoada por meio de uma série de “revoluções” científicas. A poluição aumentou drasticamente, e ninguém sabe ainda quais serão os custos ambientais de bombear todo esse petróleo do solo a longo prazo. Agora há uma “crise de energia” e o urânio está se tornando o combustível dominante.

Dos capitalistas pode-se esperar, ao menos, que desenvolvam urânio como combustível apenas enquanto apresentar uma boa taxa de lucro. Essa é a ética deles, e talvez consigam comprar algum tempo. Dos marxistas, por outro lado, pode-se esperar que desenvolvam combustível de urânio o mais rápido possível, simplesmente porque é o combustível mais “eficiente” para produção disponível. Essa é a ética deles, e não consigo ver onde é preferível. Como eu disse, o marxismo é um acerto em cheio, bem no meio da tradição europeia. É a mesma ladainha de sempre.

Há uma regra que pode ser aplicada aqui. Não é possível julgar a natureza real de uma doutrina revolucionária europeia com base nas mudanças que ela se propõe a fazer dentro da estrutura de poder e sociedade europeias. Vocês só podem julgá-la pelos efeitos que terá sobre os povos não-europeus. Isso porque toda revolução na história europeia serviu para reforçar as tendências e habilidades da Europa para exportar a destruição para outros povos, outras culturas e para o próprio meio ambiente. Desafio alguém a apontar um exemplo em que isso não seja verdade.



Portanto, agora, nós, como povo indígena americano, somos convidados a acreditar que uma “nova” doutrina revolucionária europeia, como o marxismo, reverterá os efeitos negativos da história europeia sobre nós. As relações de poder europeias devem ser ajustadas novamente, e isso supostamente irá fazer bem para todos nós. Mas o que significa isso, na verdade?

Neste momento, hoje, nós que vivemos na Reserva de Pine Ridge estamos vivendo no que a sociedade branca designou como “Área de Sacrifício Nacional”. Isso significa que temos muitos depósitos de urânio aqui, e a cultura branca (não nós) precisa desse urânio como material de produção de energia. A maneira mais barata e eficiente para a indústria extrair e lidar com o processamento desse urânio é despejar os resíduos de produtos aqui mesmo nos locais de escavação. Bem aqui onde moramos. Esse lixo é radioativo e tornará a região inteira inabitável para sempre. Isto é considerado pela indústria, e pela sociedade branca que a criou, como um preço “aceitável” a se pagar pelo desenvolvimento dos recursos energéticos. No decorrer disso, eles também planejam drenar o lençol freático sob essa parte da Dakota do Sul como parte do processo industrial, de modo que a região ficará duplamente inabitável. O mesmo tipo de coisa está acontecendo na terra dos Navajo e dos Hopi, nas terras dos Cheyenne e dos Crow do Norte e em outros lugares. Trinta por cento do carvão no Ocidente e metade dos depósitos de urânio nos Estados Unidos foram encontrados em terras de reserva, então não há como chamar isso de questão menor.

Estamos resistindo a virarmos uma Área de Sacrifício Nacional. Estamos resistindo a virarmos um povo de sacrifício nacional. Os custos deste processo industrial não são aceitáveis para nós. É genocídio cavar urânio aqui e drenar o lençol freático – nem mais, nem menos.

Agora vamos supor que, em nossa resistência ao exterminio, comecemos a buscar aliados (nós temos). Vamos supor ainda que deveríamos tomar o marxismo revolucionário ao pé da letra: pretender nada menos que a completa derrubada da ordem capitalista europeia, que apresentou essa ameaça à nossa própria existência. Esta parecia ser uma aliança natural para o povo indígena americano participar. Afinal, como dizem os marxistas, são os capitalistas que nos preparam para ser um sacrifício nacional. Até aqui, tudo é verdade.

No entanto, como tentei salientar, essa “verdade” é muito enganosa. O marxismo revolucionário está comprometido com uma maior perpetuação e perfeição do próprio processo industrial que está nos destruindo. Ele oferece apenas “redistribuir” os resultados – o dinheiro, talvez – dessa industrialização para uma parte mais ampla da população. Oferece tomar a riqueza dos capitalistas e passá-la adiante; mas, para isso, o marxismo deve manter o sistema industrial. Mais uma vez, as relações de poder dentro da sociedade europeia terão que ser alteradas, porém mais uma vez os efeitos sobre os povos indígenas americanos aqui e não-europeus em outros lugares permanecerão os mesmos. É a mesma coisa quando o poder foi redistribuído da Igreja para a iniciativa privada, durante a assim chamada Revolução Burguesa. A sociedade europeia mudou um pouco, pelo menos superficialmente, mas a sua conduta em relação aos não-europeus continuou como antes. Podemos ver o que a Revolução Americana de 1776 fez para os índios americanos. É a mesma ladainha.

O marxismo revolucionário, como a sociedade industrial em outras formas, busca “racionalizar” todas as pessoas em relação à indústria – indústria máxima, produção máxima. É uma doutrina que despreza a tradição espiritual indígena americana, nossas culturas, nossos modos de vida. O próprio Marx nos chamou de “pré-capitalistas” e “primitivos”. Pré-capitalista significa simplesmente que, na sua opinião, nós eventualmente descobriríamos o capitalismo e nos tornaríamos capitalistas; sempre fomos economicamente atrasados, em termos marxistas. O povo indígena americano só poderia participar de uma revolução marxista aderindo ao sistema industrial, tornando-se operários fabris ou “proletários”, como Marx os chamava. O moço tinha clareza sobre o fato de que sua revolução só poderia ocorrer através da luta do proletariado, e de que a existência de um sistema industrial massivo é pré-condição de uma sociedade marxista bem-sucedida.

Creio que há um problema com a linguagem aqui. Cristãos, capitalistas, marxistas. Todos eles foram revolucionários em suas próprias mentes, mas nenhum deles realmente significa revolução. O que eles realmente significam é a continuidade. Fazem o que fazem para que a cultura europeia possa continuar a existir e a se desenvolver de acordo com suas necessidades.

Assim, para que realmente uníssemos nossas forças com o marxismo, nós, índios americanos, teríamos que aceitar o sacrifício nacional de nossa terra natal; teríamos que cometer suicídio cultural e nos tornar industrializados e europeizados.

Nesse ponto, tenho que parar e me perguntar se não estou sendo muito duro. O marxismo tem algo como uma história. Essa história confirma minhas observações? Eu olho para o processo de industrialização na União Soviética desde 1920 e vejo que esses marxistas fizeram o que a Revolução Industrial inglesa levou 300 anos para fazer; e os marxistas fizeram-no em 60 anos. Vejo que o território da URSS abarcava vários povos indígenas e que eles foram dizimados para abrir caminho para as fábricas. Os soviéticos se referem a isso como “a questão nacional”, a questão de saber se os povos tribais tinham o direito de existir como povos; e decidiram que os povos tribais eram um sacrifício aceitável para as necessidades industriais. Eu olho para a China e vejo a mesma coisa. Eu olho para o Vietnã e vejo os marxistas impondo uma ordem industrial e aniquilando os povos das tribos indígenas das montanhas.

Ouvi o principal cientista soviético dizendo que, quando o urânio estiver esgotado, outras alternativas serão encontradas. Vejo os vietnamitas assumindo uma usina nuclear abandonada pelos militares dos EUA. Eles desmontaram e destruíram? Não, eles estão usando. Vejo a China explodindo bombas nucleares, desenvolvendo reatores de urânio e preparando um programa espacial para colonizar e explorar os planetas da mesma maneira que os europeus colonizaram e exploraram este hemisfério. É a mesma ladinha, mas, talvez, desta vez, com um ritmo mais rápido.

A declaração do cientista soviético é muito interessante. Ele sabe qual fonte de energia alternativa será essa? Não, ele simplesmente tem fé. A ciência encontrará um caminho. Ouço os marxistas revolucionários dizendo que a destruição do meio ambiente, poluição e radiação serão todas controladas. E os vejo agir de acordo com suas palavras. Eles sabem como essas coisas serão controladas? Não, eles simplesmente têm fé. A ciência encontrará um caminho. A industrialização é boa e necessária. Como eles sabem disso? Fé. A ciência encontrará um caminho. Fé desse tipo sempre foi conhecida na Europa como religião. A ciência se tornou a nova religião europeia para capitalistas e marxistas; são verdadeiramente inseparáveis; são parte e parcela da mesma cultura. Assim, tanto na teoria quanto na prática, o marxismo exige que os povos não-europeus abandonem de vez seus valores, suas tradições e sua existência cultural. Todos nós seremos viciados em ciência industrializada numa sociedade marxista.

Não acredito que o próprio capitalismo seja realmente responsável por confiar os índios americanos ao sacrifício nacional. Não, é a tradição europeia; a cultura europeia é responsável. O marxismo é apenas a última forma da continuidade dessa tradição, não uma solução para ela. Aliar-se ao marxismo é aliar-se às mesmas forças que nos declararam como um custo aceitável.

Existe outro caminho. Há o caminho tradicional dos Lakota e os caminhos dos povos indígenas americanos. É o caminho que sabe que os seres humanos não têm o direito de degradar a Mãe Terra, que existem forças para além de qualquer coisa que a mente europeia tenha concebido, que os humanos precisam estar em harmonia com todas as relações, ou as relações acabarão por eliminar a desarmonia. Uma ênfase assimétrica nos humanos pelos humanos – a arrogância dos europeus em agir como se estivessem além da natureza de todas as coisas em relação – só pode resultar numa total desarmonia e num reajuste que reduzirá o tamanho do humano arrogante, dando a ele um gostinho dessa realidade além de seu alcance ou controle, e restaurará a harmonia. Não é necessária uma teoria revolucionária para isso; está além do controle humano. Os povos da natureza deste planeta sabem disso e, portanto, não teorizam sobre isso. Teoria é uma abstração; nosso conhecimento é real.

Destilada até seus termos básicos, a fé europeia – incluindo a nova fé na ciência – equivale à crença de que o homem é Deus. A Europa sempre buscou um Messias, seja ele o homem Jesus Cristo ou o homem Karl Marx ou o homem Albert Einstein. Os índios americanos sabem que isso é totalmente absurdo. Os humanos são a mais fraca de todas as criaturas, tão fracos que outras criaturas estão dispostas a entregar a própria carne para que possamos viver. Os seres humanos são capazes de sobreviver apenas através do exercício da racionalidade, uma vez que lhes faltam as habilidades de outras criaturas para obter alimento através do uso de presas e garras.

Mas a racionalidade é uma maldição, já que pode fazer com que os humanos, diferentemente de outras criaturas, se esqueçam da ordem natural das coisas. Um lobo nunca esquece seu lugar na ordem natural. Índios americanos podem se esquecer. Os europeus quase sempre esquecem. Nós oramos agradecendo aos veados por podermos nos alimentar de suas carnes; os europeus simplesmente a comem, considerando o cervo um animal inferior. Afinal, os europeus consideram-se divinos em seu racionalismo e ciência. Deus é o Ser Supremo; tudo o mais deve ser inferior.

Toda a tradição europeia, incluindo aí o marxismo, conspirou para desafiar a ordem natural de todas as coisas. A Mãe Terra foi maltratada, os poderes foram maltratados, e isso não pode durar para sempre. Nenhuma teoria pode alterar esse simples fato. A Mãe Terra retaliará; todo o ambiente retaliará, e os violadores serão eliminados. As coisas se completam, voltando ao ponto de partida. É isso a revolução. E essa é uma profecia do meu povo, do povo Hopi e de outros povos corretos.

Há séculos os índios americanos vêm tentando explicar isso para os europeus. Mas, como eu disse anteriormente, os europeus se mostraram incapazes de escutar. A ordem natural vencerá, e os ofensores morrerão, como os cervos morrem quando ofendem a harmonia, superpovoando uma determinada região. É apenas uma questão de tempo até que ocorra aquilo que os europeus chamam de “uma grande catástrofe de proporções globais”. É o papel dos povos indígenas americanos, o papel de todos os seres naturais: sobreviver. Uma parte da nossa sobrevivência é resistir. Nós resistimos não para derrubar um governo ou tomar o poder político, mas porque é natural resistir ao extermínio, sobreviver. Não queremos poder sobre as instituições brancas; queremos que as instituições brancas desapareçam. Essa é a revolução.

Os índios americanos ainda estão em contato com essas realidades – as profecias, as tradições de nossos ancestrais. Aprendemos dos anciãos, da natureza, das forças. E quando a catástrofe terminar, nós, povos indígenas americanos, ainda estaremos aqui para habitar o hemisfério. Eu não me importo se será apenas um punhado de gente vivendo no alto dos Andes. O povo indígena americano sobreviverá; a harmonia será restabelecida. Essa é a revolução.

A esta altura, talvez eu deveria ser mais claro sobre outro assunto, que já deveria estar claro como conclusão do que disse. Mas a confusão se espalha facilmente nos dias de hoje, então quero insistir nesse ponto. Quando uso o termo europeu, não estou me referindo a uma cor de pele ou a uma estrutura genética específica. Refiro-me a um modo de pensar, uma visão de mundo que é um produto do desenvolvimento da cultura europeia. As pessoas não são geneticamente codificadas para internalizar essa perspectiva; elas sofrem uma aculturação para assimilá-la. O mesmo vale para os índios americanos ou para os membros de qualquer cultura.

É possível que um índio americano compartilhe valores europeus, uma visão de mundo europeia. Temos um termo para essas pessoas; nós as chamamos de “maçãs” – vermelha por fora (genética) e branca por dentro (seus valores). Outros grupos têm termos semelhantes: os negros têm seus “oreos”; hispânicos têm “cocos” e assim por diante. E, como eu disse antes, há exceções à norma branca: pessoas brancas por fora, mas não-brancas por dentro. Não tenho certeza de qual termo deve ser aplicado a elas senão “seres humanos”.

O que eu estou colocando aqui não é uma proposta racial, mas uma proposta cultural. Aqueles que, em última análise, advogam e defendem as realidades da cultura europeia e seu industrialismo são meus inimigos. Aqueles que resistem, que lutam contra isso, são meus aliados, os aliados dos povos indígenas americanos. E não dou a mínima para a cor da sua pele. Caucasiano é o termo branco para a raça branca: europeia é uma perspectiva a qual me oponho.

Os comunistas vietnamitas não são exatamente o que se pode considerar caucasianos genéticos, mas estão agora funcionando como europeus mentais. O mesmo vale para os comunistas chineses, para os capitalistas japoneses ou para os católicos bantos, ou para Peter “Mac Dollar”, na Reserva Navajo, ou Dickie Wilson, aqui em Pine Ridge. Não há racismo envolvido nisso, apenas um reconhecimento da mente e do espírito que compõem uma cultura.



Em termos marxistas, suponho que sou um “nacionalista cultural”. Eu trabalho primeiro para o meu povo, o povo tradicional Lakota, porque temos uma visão de mundo comum e compartilhamos uma luta imediata. Além disso, eu trabalho com outros povos indígenas americanos tradicionais, mais uma vez por causa de uma certa partilha na visão de mundo e na forma de luta. Além disso, trabalho com qualquer pessoa que tenha experimentado a opressão colonial da Europa e que resista à sua totalidade cultural e industrial. Obviamente, isso inclui os caucasianos genéticos que lutam para resistir às normas dominantes da cultura europeia. Os irlandeses e os bascos vêm imediatamente à mente, mas há muitos outros.

Eu trabalho principalmente com meu próprio povo, com minha própria comunidade. Outros povos que possuem perspectivas não-europeias devem fazer o mesmo. Acredito no slogan: “Confie na visão de seu irmão”, embora eu queira acrescentar as irmãs a esse contrato. Confio na comunidade e na visão cultural de todas as raças que naturalmente resistem à industrialização e à extinção humana. Claramente, indivíduos brancos podem compartilhar disso, dado apenas que tenham chegado à consciência de que a continuação dos imperativos industriais da Europa não é uma visão, mas o suicídio da espécie. Branco é uma das cores sagradas do povo Lakota – vermelho, amarelo, branco e preto. As quatro direções. As quatro estações. Os quatro períodos da vida e envelhecimento. As quatro raças da humanidade. Misture vermelho, amarelo, branco e preto juntos e vocês ficam marrons, a cor da quinta raça. Esta é uma ordem natural das coisas. Parece, portanto, natural eu trabalhar com todas as raças, cada uma com seu próprio significado, identidade e mensagens especiais.

Mas há um comportamento peculiar entre a maioria dos caucasianos. Assim que me torno crítico da Europa e de seu impacto sobre outras culturas, eles ficam na defensiva. Começam a se defender. Mas não estou atacando-os pessoalmente; estou atacando a Europa. Ao personalizar minhas observações sobre a Europa, eles estão personalizando a cultura europeia, identificando-se com ela. Ao se defenderem nesse contexto, estão, em última análise, defendendo a cultura da morte. Esta é uma confusão que deve ser superada e deve ser superada rapidamente. Nenhum de nós tem energia para desperdiçar em falsos conflitos como esse.

Os caucasianos têm uma visão mais positiva para oferecer à humanidade do que a cultura europeia. Acredito nisso. Mas, para alcançar essa visão, é necessário que os caucasianos saiam da cultura europeia – junto com o resto da humanidade – para ver a Europa como ela é e o que ela faz.

Ater-se ao capitalismo, ao marxismo e a todos os outros “ismos” é simplesmente permanecer dentro da cultura europeia. Não há como evitar esse fato básico. De fato, isso constitui uma escolha. Entenda que a escolha é baseada na cultura, não na raça. Entenda que escolher a cultura e o industrialismo europeus é escolher ser meu inimigo. E entenda que a escolha é sua, não minha.

Isso me faz novamente falar com aqueles índios americanos que estão passando pelas universidades, favelas da cidade e outras instituições europeias. Se vocês estão lá para resistir ao opressor de acordo com suas formas tradicionais, que assim seja. Não sei como vocês conseguem combinar os dois, mas talvez tenham sucesso. Mas guarde seu senso de realidade. Cuidado com a crença de que o mundo branco agora oferece soluções para os problemas que nos confrontam. Cuidado, também, com a distorção das palavras dos povos nativos para vantagem de nossos inimigos. A Europa inventou a prática de voltar as palavras contra elas mesmas. Vocês só precisam olhar para os tratados entre os povos indígenas americanos e vários governos europeus para saber que isso é verdade. Tirem sua força de quem vocês são.

Uma cultura que regularmente confunde revolta com resistência não tem nada de útil para lhes ensinar e nada para lhes oferecer como modo de vida. Os europeus perderam há muito tempo todo o tato com a realidade, se é que alguma vez tiveram contato com quem vocês são como índios americanos.

Então, suponho que para concluir, devo afirmar claramente que conduzir qualquer um ao marxismo é a última coisa em minha mente. O marxismo é tão estranho à minha cultura quanto o capitalismo e o cristianismo. Na verdade, posso dizer que não estou tentando levar ninguém em direção a coisa alguma. Em alguma medida tentei ser um “líder”, no sentido que a mídia branca gosta de usar o termo, quando o Movimento Indígena Americano era uma jovem organização. Esse foi o resultado de uma confusão que não tenho mais. Vocês não podem ser tudo para todos. Eu não proponho ser usado dessa maneira pelos meus inimigos. Não sou um líder. Sou um patriota Oglala Lakota. Isto é tudo que eu quero e tudo que preciso ser. E estou muito confortável com quem sou.

**Caderno de Leituras n.99**  
**série *intempestiva***

**Para a América**  
**viver, é preciso que**  
**a Europa morra**

Russell Means

**Coordenação**  
**editorial**  
Maria Carolina Fenati

**Coordenação de arte**  
Luís Rabello

**Tradução**  
Luciana Campos

**Revisão da tradução**  
Guilherme Gontijo  
Flores

**Revisão**  
Bernardo Bethonico

**Projeto gráfico**  
Mateus Acioli

Composto em Maax,  
desenhada por Damien  
Gautier para 205TF Foundry.

**Edições Chão da Feira**  
Belo Horizonte,  
fevereiro de 2020

Esta e outras publicações  
da editora estão disponíveis  
em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.  
Fundação Municipal de Cultura. Projeto 0699/2017

Patrocínio

Incentivo

**unibh** 

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA**  
**BELO HORIZONTE**  
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA